



**A PSICOPEDAGOGIA INTERMEDIANDO A EDUCAÇÃO NA ESCOLA E NA  
FAMÍLIA EM CASOS DE AUTISMO**  
**PSYCHOPEDAGOGY INTERMEDIATING EDUCATION AT SCHOOL AND IN THE  
FAMILY IN CASES OF AUTISM**

FONTENELE, Antonia Eidiene Carvalho dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo visou analisar duas práticas educativas, lúdico e a ABA, utilizadas pelos Psicopedagogos no acompanhamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e nas intermediações junto às famílias destas. A técnica ABA, a qual favorece o comportamento correto dos autistas e possibilita o ensino aprendizagem dos conteúdos curriculares de modo satisfatório, instiga a criança a se interagir e a se comunicar melhor, visando diminuir os comportamentos disruptivos. A metodologia empregada para a construção desse estudo foi uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, pois abordará acerca do TEA, do trabalho do psicopedagogo no processo de aprendizagem de crianças com TEA e no acompanhamento dos familiares dessas crianças. Dessa forma foi possível compreender que essas práticas oferecem grandes possibilidades para que os alunos enfrentem de forma positiva suas dificuldades, para isso precisam de acompanhamentos especializados por parte do profissional da psicopedagogia, e a prática aplicada conforme a necessidade individual de cada criança, pois possibilita o desenvolvimento de habilidades cognitivas e capacidades de interagir socialmente em seu dia a dia.

**Palavras-chave:** Metodologias. Ensino. Comportamento. Educação. Autismo.

### ABSTRACT

The present study aimed to analyze two educational practices, play and ABA, used by Psychopedagogues in monitoring children with Autism Spectrum Disorder (ASD) and in intermediation with their families. The ABA technique, which favors the correct behavior of autistic people and enables the teaching and learning of curricular content in a satisfactory way, encourages the child to interact and communicate better, aiming to reduce disruptive behaviors. The methodology used to construct this study was a descriptive bibliographical research, as it will address ASD, the work of the psychopedagogue in the learning process of children with ASD and monitoring the families of these children; In this way, it was possible to understand that these practices offer great possibilities for students to face their difficulties positively, for this they need specialized support from the psychopedagogy professional, and the practice applied according to the individual needs of each child, as it allows the development of cognitive skills and ability to interact socially in your daily life.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela faculdade INTA em 2014 e em Pedagogia pela Estácio em 2023. E-mail: aaidiene2015@gmail.com

**Keywords:** Methodologies. Teaching. Behavior. Education. Autism.

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia é um ramo que engloba a Psicologia e Pedagogia, estando atrelada aos campos da saúde e educação, de forma integradora e buscando intervir na aprendizagem de alunos com transtornos de aprendizagem, principalmente daqueles que possuam Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio de diagnósticos que facilitem entender os sintomas e a deficiência para que possa auxiliar aos professores a adotar metodologias eficazes em suas aulas e que ajudem aos alunos a desenvolverem seus aspectos cognitivos, comportamentais e emocionais. Visto que essas são as áreas mais afetadas e que influenciam na má aprendizagem, nas dificuldades de comportamento e de socialização, assim a questão problema é expor as formas que podem ser adotadas pelos docentes com a ajuda do Psicopedagogo a fim de promover uma qualidade educacional.

A justificativa para trabalhar este tema é devido ao fato de a Psicopedagogia ser uma área bastante valiosa no planejamento de intervenções habilitadoras e reabilitadoras de alunos com TEA, a qual leva em consideração as características de cada fase do desenvolvimento, bem como a influência da família e da escola a partir de uma perspectiva biopsicossocial, porém nesse trabalho não se destacará a importância da família, mas sim a forma como o psicopedagogo utiliza a Análise do Comportamento (ABA, da sigla em inglês Applied Behavior Analysis), no acompanhamento de crianças com autismo.

O objetivo do trabalho é analisar como os psicopedagogos podem ajudar a desenvolver a aprendizagem de criança com o Espectro Autista por meio de práticas pedagógicas que incluam o lúdico e ABA e as interferências que eles podem fazer com as famílias.

A metodologia empregada para a construção desse trabalho foi uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, pois abordará acerca do TEA e o trabalho do psicopedagogo no processo de aprendizagem de crianças com TEA e no acompanhamento de familiares dessas crianças. Sendo assim, foram realizadas

análises em bancos de dados da internet que possibilitaram uma investigação mais concisa e a descrição do trabalho.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A EDUCAÇÃO REALIZADA PARA OS ALUNOS COM TEA

Conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 1993, p. 25), publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o autismo é classificado como:

Um transtorno invasivo do desenvolvimento, definido pela presença de desenvolvimento anormal e/ou comprometimento que se manifesta antes da idade de 3 anos e pelo tipo característico de funcionamento anormal em todas as três áreas: de interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo. O transtorno ocorre três a quatro vezes mais frequentemente em indivíduos do sexo masculino do que do feminino.

Dessa forma pode-se compreender que é um transtorno que começa a ser desenvolvido nas crianças logo nos primeiros anos de vida e afeta a comunicação, o comportamento e conseqüentemente a socialização, sendo que a maior probabilidade é nos meninos.

O TEA é caracterizado por ser um conjunto de transtornos que afetam a interação social, a linguagem/comunicação e comportamento. Ocasionalmente um baixo funcionamento intelectual e adaptativo, diante de situações novas, a pessoa que possui TEA reage com agressividade, e apesar da sua autoestimulação ela conta com baixo desempenho escolar (FOMBONNE, 2009), e também tem problemas para lidar com jogos simbólicos, exatamente pelo fato de usar muito a imaginação, e como já mencionado tem dificuldade de socializar e mantém um comportamento restritivo e repetitivo.

Segundo a redatora Bruna do portal Drauzio Varella da UOL, o TEA se apresenta de três formas, quais sejam:

Autismo clássico – grau de comprometimento pode variar de muito. De maneira geral, os indivíduos são voltados para si mesmos, não estabelecem contato visual com as pessoas nem com o ambiente; conseguem falar, mas não usam a fala como ferramenta de comunicação. Embora possam entender enunciados simples, têm dificuldade de compreensão e apreendem apenas o sentido literal das palavras. (...) Nas formas mais graves, demonstram ausência completa de qualquer contato interpessoal.

Este pode ser encarado como o mais grave de todos, visto que apresenta problemas de visão, de linguagem, comunicação e interpretação, e principalmente de socialização, além de não ter controle sobre si.

O autismo é referenciado por Tenório e Pinheiro (2023) como sendo:

O autismo é um problema psiquiátrico que costuma ser identificado entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais iniciais às vezes apareçam já nos primeiros meses de vida. Os autistas apresentam o desenvolvimento físico normal. Mas eles têm grande dificuldade para firmar relações sociais ou afetivas e dão mostras de viver em um mundo isolado. Anteriormente o problema era dividido em cinco categorias, entre elas a síndrome de Asperger. Hoje, ele tem uma única classificação, com diferentes graus de funcionalidade e sob o nome técnico de transtorno do espectro do autismo.

O diagnóstico de autismo é comportamental, ainda não existe exame laboratorial que possam contribuir para o tratamento, este é feito por meio do DSM V – TR (Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais) e Critérios Para Diagnóstico Do Autismo (CID-10). Segundo Roudinesco (2000, p. 285):

No que tange aos transtornos mentais CID-10 adota uma pesquisa semelhante ao DSM IV – TR. Na ocasião da elaboração desses manuais, houve uma série de consultas entre a Associação Psiquiatria Americana e a Organização Mundial de Saúde que resultaria numa formulação de códigos, perguntas e termos em comum acordo, para chegar ao diagnóstico.

Ao longo da história muitas são as tentativas de se chegar a uma causa objetiva sobre sua origem, mas, ressalta-se que o diagnóstico ainda permeia o campo da subjetividade, assim segundo a descrição do Autismo do Autism-Europe (2000) apud Castanheira (2016, p. 13):

É hoje geralmente aceite que as perturbações incluídas no espectro do autismo, Perturbações Globais do Desenvolvimento nos sistemas de classificação correntes internacionais, são perturbações neuropsiquiátricas que apresentam uma grande variedade de expressões clínicas e resultam de disfunções do desenvolvimento do sistema nervoso central multifatoriais.

De acordo com Freitas et. al. (2016, p. 03) o autismo pode advir tanto da deficiência intelectual (DI) quanto do TEA:

A prevalência para a DI no autismo está em torno de 70% dos casos (GAUDERER, 1997; SIGMAN, CAPPS, 2000; SCHWARTZMAN, 2003). Entretanto, algumas críticas sobre a forma de avaliação das crianças com autismo têm levantado a hipótese de que os déficits intelectuais do autismo, em parte podem diferir da deficiência mental. Os estudos da genética, aliados aos achados sobre o perfil cognitivo, podem contribuir com uma definição mais clara do fenótipo do TEA.

Alunos que possuem os dois ao mesmo tempo, o que faz aumentar ainda mais os desafios e déficits em vários comportamentos e habilidades, além dos já informados que são apresentados pelos indivíduos que apresentam um ou o outro. Para Fodstad e Matson (2008 apud FREITAS et al., 2016, p. 03):

A comorbidade do TEA com DI aumenta o nível de dependência para atividades de vida diária, diminui as chances para inserção escolar e no trabalho. Os estudos mostram um pior funcionamento adaptativo e sintomas mais graves do autismo, quando a DI está associada.

Guerra (2007, p. 207) define o termo educar como sendo:

...orientar para a aquisição de novos comportamentos. As estratégias pedagógicas utilizadas por educadores durante o processo ensino-aprendizagem são estímulos que produzem a reorganização do sistema nervoso em desenvolvimento, resultando em mudanças comportamentais. Cotidianamente, educadores, entre eles pais e professores, atuam como agentes nas mudanças neurobiológicas que levam à aprendizagem, embora conheçam muito pouco sobre como o cérebro funciona.

Desta forma a educação deve incluir e promover atendimento as necessidades de todos os alunos e não apenas aos que têm deficiências, pois diante de alguns paradigmas educacionais acaba por excluir muitos alunos, por isso a importância de trabalhar a inclusão escolar como um mecanismo que promove igualdade, e inerente à aprendizagem, provocando uma efetiva transformação social.

Assim, observa-se que:

Trabalhar a Literatura Infantil nas séries iniciais é um verdadeiro jogo de imaginação e de linguagens diferentes. As crianças ficam fascinadas ao ouvir cada história, cada conto, cada fábula. Quando ouvem, reproduzem ou inventam suas próprias histórias despertando em si um potencial extraordinário, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo e enriquecendo as suas próprias experiências (SANTOS; SANTANA; OLIVEIRA, 2016)

Como as crianças com autismo tendem a se movimentar muito, então a literatura infantil chama a atenção deles para o foco central da história, as deixando fascinadas e assim sentem-se motivadas a aprender, estimulando seus raciocínios, pois vão criar suas próprias histórias, mesclando com a sua aprendizagem.

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o

espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças (MATEUS et. al., 2013. p. 56-57).

Através da contação de histórias, dos contos, o psicopedagogo faz um convite solícito para que a criança passe a frequentar um mundo novo, mundo esse especial. De acordo com Gillig (1999, p. 19): “a narração de história de contos infantis permite a criança fazer uma viagem onde a imaginação abre várias portas e que nessa viagem imaginária ele sinta prazer e o desejo pudessem encontrar sua fonte de renovação”.

O objetivo da contação de histórias é o de impulsionar a criança a criar o hábito de ler, escrever e posteriormente outras ações como brincar e imaginar, de modo que ela venha a sentir um leque variado de emoções como alegria, tristeza, entra tantas outras sensações como meio de se controlar na vivência diária.

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar (BRASIL, 1998, p. 21).

A aprendizagem significativa das crianças parte do conhecimento da realidade a qual ela vive, não que venha a conhecer tudo, mas uma convivência sadia irá fazer com que ela, ao passar dos anos, se veja como um sujeito histórico, e assim irá refletir acerca do tempo, espaço social e a cultura na qual está inserida.

O brincar sendo atribuído como recurso pedagógico tem a finalidade de preparar os alunos para realizar atividades de trabalho que estão atreladas à atenção e concentração, aumenta a autoestima, a confiança e faz com que a criança se torne mais sociável consigo e com os outros, ajuda também a criança a dividir espaços e experiências com outras pessoas.

Deve-se compreender o brincar como ação fundamental para o desenvolvimento da pessoa e dos grupos sociais, em diferentes épocas e espaços. Pois, o brincar é natural, quando se brinca, fica-se altamente concentrado. Por isso a questão de se usar a ludicidade vai mais além do que uma simples brincadeira, também se desenvolve a educação e o mesmo é ideal para a saúde tanto física quanto psíquica.

Quando a criança é inserida no ambiente lúdico a mesma irá aprender a se comportar em certas atividades que a vida impõe, além de adquirir essa aprendizagem de forma adequada, irá adquirir capacidade de resolver problemas práticos, utilizar instrumentos e meios indiretos para conseguir determinados objetivos, e assim despertando o interesse do aluno em querer aprender e o desejo de buscar a realização e o conhecimento.

Brincando, a criança vai construindo os alicerces da compreensão e utilização de sistemas simbólicos como a escrita, assim como da capacidade e habilidade em perceber, criar, manter e desenvolver laços de afeto e confiança no outro. Esse processo tem início desde o nascimento, com o bebê aprendendo a brincar com a própria mãozinha e, mais adiante, com a mãe. Assim como aos poucos vai coordenando, agilizando e dotando seus gestos de intenção e precisão progressivas, vai aprendendo a interagir com os outros, inclusive com seus pares, crescendo em autonomia e sociabilidade (OLIVEIRA, 2002, p. 35).

De acordo com a autora, ao desenvolver a educação por meio do lúdico, permitirá que as crianças se expressem em determinados eventos em suas vidas. Pelos objetivos trazidos pela brincadeira permitirá que o aluno conheça tanto a sua realidade quanto consegue outros cenários mundiais, e interage com os seus pares, perfazendo um maior elo social e emocional com as pessoas que convive.

A atividade lúdica é aquela que se executa no jogo. Lúdico relaciona-se tanto com jogo como com brinquedo; refere-se a qualquer objeto ou atividade que vise mais ao divertimento que a qualquer outro propósito; por fim, é o que se faz por gosto, sem outro objetivo que o próprio prazer de fazê-lo (MACEDO, MACHADO, 2006, p. 35).

Já que o uso do lúdico se relaciona como uma atividade prazerosa, então se fazia o uso do conteúdo das músicas para além de animar o ambiente, facilitar o conhecimento espontâneo dos alunos. E perceberam que os jogos tinham efeitos positivos para as crianças nas esferas cognitiva, social e moral. Segundo Kischimoto (2011, p.103), “embora prevaleça uma nítida preferência pelos jogos livres os jogos educativos continuaram presentes nos anos 20, durante a expansão do movimento escola novista, amparados por alguns teóricos da referida escola”.

A metodologia usando o lúdico continua presente por diversas situações, pois ela favorece a superação das limitações, e assim favorece o conhecimento e aumenta as habilidades das crianças. Por meio dos jogos em equipe, elas vão exercitando o

diálogo, os professores vão destacando dentre eles quem possuem uma certa liderança para comandar a equipe, por isso que é extremamente importante trabalhar o lúdico desde a Educação Infantil, pois assim o potencial destas será desenvolvido mais rápido e conseqüentemente aumentará sua aprendizagem. E desta maneira as etapas do ensino básico não se tornarão tão problemáticas o quanto se pode notar atualmente.

Atualmente encontram-se escolas que têm o lúdico como processo pedagógico de ensino, o qual é levado em conta a sua essência, que por meio da sua seriedade é considerado como indispensável na formação do aluno, pois possibilita o sujeito a transitar dentro e fora do seu eu, estimulando a sua cultura, espontaneidade, interação, imaginação, criatividade e também o prazer.

É fundamental que o ensino seja ofertado em várias atividades que facilitem o aprendizado de seus alunos, evitando que as inúmeras carências, principalmente familiares, e os problemas sociais se tornem obstáculos, visto que é uma barreira ainda intransponível para alguns. Por isso devem oferecer atividades interessantes que envolvam participação oral, como debates, dramatizações, entrevistas e exposições espontâneas ou preparadas, e facilitar o trabalho em grupo voltado para a experimentação, observação e reflexão. “Entre estas atividades, aquelas de natureza lúdica, gestual e coletiva, ao lado das de desenho, cumprem também a função de minimizar a ruptura até mesmo afetiva do regime de professor de turma” (BRASIL, 1998, p.28).

É de suma importância destacar a o que foi mencionado por Bossa (2000, p. 37): “Estudar autismo é ter nas mãos um ‘laboratório natural’ de onde se vislumbra o impacto da privação nas relações recíprocas desde cedo na vida”, e se tratando de educação, é imprescindível formular metodologias que consiga inserir os alunos com esse transtorno em sala de aula de maneira eficaz.

No contexto escolar é de suma importância mencionar o que foi falado por Lira (2004, p. 48), ela menciona a suma importância do educador olhar com mais atenção e cuidado para o educando autista, buscando se informar junto à família, pois quando o convívio familiar se desenvolve por meio de sentimentos onde se encontram: amor, respeito, atenção e cuidado, sentimentos que desempenham um importante papel no

desenvolvimento dos filhos, então, tanto a aprendizagem formal quanto informal tendem a fluir, pois, os filhos sentem confiança e motivação a mais para estudar, além de já chegarem a escola com alguma bagagem de conhecimento, visto que é a família quem possibilita as primeiras aprendizagens dos filhos, e assim entender o grau que a criança se encontra, observando cada ação dela e utilizá-la para exploração dos ambientes. “É importante que o educador tente ao máximo aproximar seu olhar do olhar desse educando, compartilhando os espaços, por meio de atividades lúdicas, entre outros” (PRADO, 2011, p. 49).

### **3. INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DOS DISCENTES COM TEA**

Alves e Bossa (2006, p. 30) destacam que:

a Psicopedagogia é um campo no qual floresceu o conceito de sujeito autor, é uma área de estudo interdisciplinar que olha para o sujeito como um todo no contexto no qual está inserido, que estuda os caminhos do sujeito que aprende e apreende, adquire, elabora, saboreia e transforma em saber o conhecimento.

Dessa maneira compreende que a Psicopedagogia investiga o sujeito, bem como seus transtornos de aprendizagem, com a finalidade de buscar soluções para encaminhá-los a um processo de conhecimento que será fundamental, não somente para a área educacional, como para as demais.

É um profissional que deve ter em todas as escolas e de grande importância, tanto para ajudar aos professores quanto para desenvolver um ensino-aprendizagem de qualidade, é o psicopedagogo, pois por meio da psicopedagogia que é autônoma e serve de complemento a outras áreas de estudo, saberá intervir juntamente do professor no processo de ensino aprendizagem, visto que ela envolve a psicologia, psicanálise, linguística, pedagogia, neurologia entre outras áreas.

Para Bossa (2000), o profissional da psicopedagogia ensina como aprender, ele aborda que o aprender é um processo que é colocado em prática em diversas situações e que ocorre com todos os alunos. Até mesmo em crianças com autismo

que apresentam dificuldades de aprendizagem e que devem ser assistidas diretamente em sua vida escolar.

Dessa forma, deve reforçar uma atenção especial para que haja uma melhor execução das atividades na educação. Há a necessidade de profissionais qualificados e instruídos para que realmente haja uma educação de qualidade, de tal forma que esses profissionais exerçam suas funções de forma responsável e autêntica.

Para o aluno com autismo, a princípio, o que é importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição de habilidades sociais e a autonomia. A atribuição do educador é promover e dispor uma série de condições educativas em um ambiente expressamente preparado. Para que a criança não se torne um adulto incapaz de realizar tarefas simples do dia-a-dia, precisa aprender diversas atividades que a tornará mais independente durante o seu crescimento (CUNHA, 2010 p.34).

Por isso que quando o educador for abordar as atividades que devem ser propostas para as crianças, deve sempre levar em conta os interesses e objetivos de sua turma, ou seja, deve buscar uma conexão com os seus alunos. Outro fato importante é a presença do psicopedagogo para implementar metodologias que serão eficazes para a aprendizagem dos alunos, em especial dos autistas.

Uma ótima metodologia utilizada pelo Psicopedagogo no acompanhamento de crianças com o espectro autista é a ABA, a qual tem o psicólogo Ole Ivar Lovaas como um dos seus maiores representantes, que em 1987 realizou um experimento utilizando essa técnica com um grupo de crianças durante dois anos por 40 horas semanais e em outro dois grupos de controle que receberam outros tipos de tratamentos. Foi observado uma normalidade de 47% dos casos no grupo que recebeu a técnica ABA, em comparação a 2% dos outros dois grupos (MEDEIROS, 2021).

Através da aplicabilidade da Análise do Comportamento, é possível promover a ampliação do repertório comportamental do TEA, que é muito restrito, enfatizando comportamentos sociais adequados. Através de uma sistemática observação e registro dos comportamentos, o que acontece antes deles e como as consequências são apresentadas, é realizada uma Análise Funcional de determinados comportamentos e de como estes poderão ser modelados (NASCIMENTO, SOUZA, 2018, p. 174).

Conforme Vichessi (2019), os objetivos da ABA são favorecer o comportamento correto dos autistas, aumentar os conteúdos curriculares de modo satisfatório, instigar

a criança a interagir e se comunicar melhor, visando diminuir os comportamentos disruptivos e ajudar aos pais na melhor forma de lidar com seus filhos, destravando as problemáticas trazidas pelo autismo.

Por meio da observação e índice sistemático de atitudes, o que ocorre antes deles e como se apresentam as consequências, consegue-se uma análise funcional de determinadas práticas e como podem ser modeladas.

Leboyer frisa alguns princípios básicos de educação em relação ao recurso terapêutico do mau comportamento no autismo, que são:

- (1) o comportamento que se recompensa é mais provável seja repetido do que aquele que não é reforçado; o importante nas pessoas autistas é saber o que conta como recompensa para elas;
- (2) o momento da recompensa é essencial para o paciente associá-lo ao comportamento, e deve estar completamente claro para o paciente qual comportamento produz a resposta;
- (3) novas habilidades são mais facilmente aprendidas em etapas divididas;
- (4) se um comportamento inadequado não puder ser evitado, ele também não deve ser recompensado e, se possível, uma atividade diferente e mais construtiva deve ser facilitada e recompensada para substituir o comportamento inadequado (LEBOYER, 2005, p. 79).

A ABA é uma ciência, cujos métodos derivam de princípios comportamentais consistentemente aplicadas para aumentar o conjunto de comportamentos e adaptabilidade social, além de mitigar ou reduzir comportamentos socialmente inadequados. Também pode ajudar a desenvolver maior tolerância às frustrações e mudanças de ambientes e atividades, auxiliando nas aptidões de autocuidado e nas atividades da vida diária, com o objetivo de ensinar comportamentos individuais que possibilitem a vida independente e a integração no grupo.

Para que o psicopedagogo possa trabalhar com a abordagem ABA, em pessoas com TEA, é necessário que realize atividade metódica de avaliação, planejamento e deve ser implementado de forma contínua. Deve exercer um diagrama da instituição para obter um diagnóstico institucional, para isso ele se atenta aos detalhes mais precisos, como por exemplo: ouve os envolvidos e observa suas relações com a instituição. Atentando-se às conversas casuais, realizando entrevistas, colhendo informações em documentos, reuniões, oficinas de trabalhos, e os demais tipos de participantes da instituição (PORTO, 2011).

Dessa forma, ao analisar a instituição escolar e os seus agentes, incluindo os pais, o psicopedagogo vai encontrar as dificuldades para trabalhar em cima delas e

corrigi-las, juntamente com os envolvidos; além disso ela ocorre buscando evitar as dificuldades de aprendizagem. Diante dessa situação, a psicopedagogia se tornou essencial nas escolas, principalmente, com a assistência aos alunos que possuem necessidades educacionais especiais, e assim será de fundamental importância para auxiliar os professores, pais e toda a equipe escolar.

Requer que a sua execução ocorra e um meio motivador que promova aprendizado, manutenção e raciocínio indutivo para outros espaços sociais, bem como orientação para a família. Para os pais, ao receberem o diagnóstico, gera uma mistura de emoções, como medo, angústia, ansiedade e insegurança, fazendo com que eles passem a praticar algumas atitudes, tais como negação, adaptação e aceitação (NEUROSABER, 2017). Este resultado faz com que os genitores possam conviver melhor com a criança e entender seus gostos, desejos e interesses, buscando a melhor maneira de interação.

Esse procedimento exige uma valorização contínua da eficácia dos processos a fim de, quando for o caso operar uma nova transcrição das contingências, dos repertórios comportamentais, que devem ser mantidos.

Para se utilizar essa técnica é necessário que tenha descrito os objetivos que pretendem chegar, os quais são:

A ampliação do repertório comportamental, aquisição de habilidades sociais, repertórios pré-acadêmicos e acadêmicos, comportamento verbal, aumento de sua autonomia e minimização dos comportamentos disruptivos que comprometem a interação social do aluno, onde para cada caso há uma abordagem específica para desenvolver o ensino aprendizagem a ser trabalhado com a criança de forma individual (ROSA, 2022. p. 11).

Nessa situação ocorre a tríplice contingência que é o comportamento e sua relação com o que o antecede, e suas consequências que podem ser trabalhadas por meio das contingências de reforçamento positivo, que é a descrição de uma consequência motivadora que favorece a possibilidade de que o comportamento volte a ocorrer, enquanto o reforçamento negativo busca eliminar um estímulo aversivo.

Segundo Bossa (2000), o profissional adequado para se trabalhar com essa técnica é o psicopedagogo, porque ele instrui a aprender e, para isso, precisa compreender e aprender. Para a psicopedagogia, a aprendizagem é um meio que aciona diferentes estruturas que interferem em cada sujeito.

O envolvimento dos familiares do atendido no programa favorece significativamente para o sucesso do atendimento assegurando a generalização e retenção de todas as competências aprendidas pela criança.

Para intervenção com abordagem ABA, em pessoas com TEA, é necessário que haja um trabalho metódico de avaliação, planejamento e um processo de implementação e avaliação contínua dessa intervenção. A avaliação consiste em uma descrição abrangente do repertório atual de comportamento para, a partir dele, planejar um currículo de intervenção, visando os comportamentos-alvo e ao desenvolvimento de habilidades de comunicação, motoras, sociais, acadêmicas, de vida diária e a diminuição de comportamentos disruptivos (NASCIMENTO, SOUZA, 2018, p.175).

A forma como o autista se comporta é quase inflexível e por isso restringe a sua interação social e assim eles carecem de progredir suas aptidões que ampliem seu repertório comportamental. O mais sensato é limitar os acontecimentos desfavoráveis e estar atento às suas ações favoráveis, o que facilita o desenvolvimento de habilidades sociais. Para mudar o comportamento é essencial intervir e mudar o entorno dos estímulos antes e depois dele.

Entende-se que o ambiente influi no comportamento do indivíduo, então é propício adequar o ambiente ao sujeito com o propósito de facilitar a manutenção de comportamentos adequados. Então o psicopedagogo que atua em instituição escolar juntamente com os profissionais desta, devem analisar se há algum estímulo negativo neste lugar que possa provocar comportamentos inapropriados, e assim ser feita a intervenção, pois, quando esse estímulo deixa de existir, conseqüentemente o comportamento antissocial também não ocorrerá.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aprendizagem do educando autista deve ser adotada de forma que promova a sua autonomia, visto que ele não é incapaz de aprender, precisa apenas ser direcionado. E como foi visto, um dos métodos eficazes é trabalhar com contos infantis, pois desenvolvem vários fatores, cognitivos, educacionais e sociais. Por isso o educador sempre necessita pensar, refletir sobre a questão do explorar histórias, criar espaços e calcular tempos para que as atividades possam ser realizadas de modo a permitir a promoção e evolução integral da criança.

Quando são apresentadas novas situações para as crianças a partir de informações que as envolvam, a probabilidade de ela aprender se torna bem maior, além dos conteúdos escolares ficarem bem mais fáceis e próximos de sua realidade, tornando a aprendizagem prazerosa e satisfatória.

Faz-se necessário ressaltar que em todas as atividades, a criança só aprende se o que estiver fazendo for interessante e ao mesmo tempo desafiador, caso contrário, será apenas uma atividade rotineira e mecânica. Nesse sentido, não haverá aprendizado significativo nem o brincar lúdico.

Por isso que os jogos são ótimas ferramentas pedagógicas que desenvolvem a aprendizagem dos alunos, pois ao usá-los estão desenvolvendo sua capacidade de pensar, instigar, propor realizações diferentes e melhora a interação.

A ludicidade é produzida em cada indivíduo, expressando em si mesmo atividades e brincadeiras que despertem o cognitivo e façam a criança entrar em um mundo imaginário que a faz descobrir novos horizontes e assim compreender o mundo em que vive, atribuindo relações entre este e as suas outras experiências não lúdicas, criticando, mudando e refazendo o contexto da situação criada.

Compreendeu-se que para realizar a avaliação pedagógica da criança autista é necessário levar em consideração e respeitar sua condição limitada, sua maneira de se expressar, e que não leve em consideração somente a patologia, como também o autoconhecimento da criança observando suas necessidades e o seu desenvolvimento psicossocial.

Considera-se ao finalizar esse estudo que para haver uma eficaz intervenção psicopedagógica ela deve ser abrangente, sendo o foco nos aspectos sociais, emocionais, comportamentais e cognitivos, por isso foi falado na qualificação de professores e dos psicopedagogos, pois são eles que farão as possíveis intervenções e para isso é preciso acomodar as crianças autistas em um ambiente condizente com a realidade delas para consigam desenvolver seu potencial e superar seus limites.

É de suma importância que as escolas possuam psicopedagogos, pois eles podem, juntamente com os professores, contribuir para a eliminação de barreiras e para criação de estratégias à adequação do currículo escolar. Como foi destacada a ABA, que possui eficácia no ensino aprendizagem de crianças com esse transtorno,

então, aqueles que já tem um amplo domínio dessa técnica são fundamentais para desenvolver a aprendizagem dos alunos.

Percebeu-se que essa prática oferece grandes possibilidades para que esses alunos enfrentem de forma positiva suas dificuldades, para isso precisam de acompanhamentos especializados, e as técnicas devem ser usadas conforme a necessidade individual de cada criança. Essa técnica ajuda a desenvolver habilidades cognitivas e capacidades de interagir socialmente em seu dia a dia.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Dolores Fortes; BOSSA, Nádía. **Psicopedagogia: em busca do sujeito**. Nov. 2006. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/683199>. Acessado em: 7 de dez. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. V. 03. Brasília: MEC SEF, 1998.

BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CASTANHEIRA, Maria do Carmo. **Perturbação do Espectro do Autismo – Estratégias de intervenção em situações de crise de agressividade protagonizadas por crianças com PEA**. Seminário de Projeto do curso de Pós-graduação em educação especial: domínio cognitivo e motor. Paula Franssinetti. 2016.

CID-10 - Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: **Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas** – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

FOMBONNE, E. **Epidemiology of pervasive developmental disorders**. *Pediatr Res.* 2009 Jun;65(6):591-8. doi: 10.1203/PDR.0b013e31819e7203. PMID: 19218885.

FREITAS, P, M. NISHIYAMA, P, B. RIBEIRO, D, O. FREITAS, L, M. **Deficiência intelectual e o transtorno do espectro autista: fatores genéticos e neurocognitivos**. *Pedagogia em Ação*. v. 8 n. 2. Edição Especial – Dossiê. 2016.

GILLIG, Jean Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GUERRA, LB. **Neuropsicologia e educação: perspectiva transdisciplinar**. IN: Macedo, E.C., Mendonça, L.I.Z., Schlecht, B.B.G., Ortiz, K.Z., Azambuja, D.A. *Avanços em Neuropsicologia: das pesquisas à aplicação clínica*. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2007.

KISCHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEBOYER, M. **Autismo infantil: fatos e modelos**. Trad. Rosana Guimarães Dalgalarrodo. 5. ed. Campinas: Papirus, 2005. (Coleção Educação Especial).

LIRA, S. M. de. **Escolarização de alunos autistas: histórias de sala de aula**. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação Mestrado em Educação. UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.proped.pro.br/teses/teses\\_pdf/Solange\\_Maria\\_de\\_Lira-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Solange_Maria_de_Lira-ME.pdf) Acesso em: 8 de dez. de 2023.

MATEUS, M.H.M, et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.

MACEDO, Lino de; MACHADO, Nilson José. **Jogo e projeto**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

MEDEIROS, Dalima da Silva. **As Contribuições da Análise do Comportamento (ABA) para a Aprendizagem de pessoas com Autismo: uma revisão da literatura**. Estudos IAT, Salvador, v.6, n.1, p. 63-83, jun., 2021. Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/viewFile/268/346>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

NASCIMENTO, G. A; SOUZA, S. F. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): possibilidades de intervenção psicopedagógica através da Análise do Comportamento Aplicada**. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 13 n. 19 p. 163-185 jan./jun. 2018.

NEUROSABER. **Impacto do diagnóstico do Autismo nos pais**. 2017. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/impacto-do-diagnostico-do-autismo-nos-pais/>. Acesso em: 29 de jan. de 2024.

OLIVEIRA, V. B. de (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRADO, D. **O que é família**. Ed. Brasiliense. 2<sup>a</sup> Ed. 2011.

PORTO, Olívia – **Psicopedagogia Institucional: Teoria, prática e assessoramento psicopedagógico** – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2006.

ROSA, S. O. **Estudo sobre a análise do comportamento aplicada (ABA) e sua contribuição para a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), graus II e III, no ensino fundamental I.TCC.** (Graduação em Educação Especial) Centro Universitário Internacional Uninter. 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/905>. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, 164p.

SANTOS, de J. SANTANA. de M. V. T. SANTANA OLIVEIRA, de C. V. **Literatura infantil nas séries iniciais: em busca de novos horizontes no ensino aprendizagem.** Ciências Humanas e Sociais. v. 3, n.3, p. 301-305,2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/download/3476/1979/10803&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

TENÓRIO, G. PINHEIRO, C. **O que é autismo, das causas aos sinais e o tratamento.** Veja Saúde. 2023. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-autismo-das-causas-aos-sinais-e-o-tratamento>. Acesso em: 28 de jan. de 2024.

VARELLA, Bruna Maria Helena. **Transtorno do Espectro Autista (TEA).** Drauzio Varella. UOL. (2014). Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/>. Acesso em: 4 de dez. de 2023.

VICHESSI, Beatriz. **Autismo: conheça a ABA, uma base científica para trabalhar com crianças com autismo.** Nova Escola. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17550/autismo-conheca-a-aba-uma-base-cientifica-para-trabalhar-com-autistas>. Acesso em: 9 de dez. de 2023.